

LINGUAGENS DE CRIANÇAS EM INTERAÇÕES SOCIAIS DE ATENÇÃO CONJUNTA

Giszélia Oliveira dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba - gizeliasantos@hotmail.com

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Universidade Estadual da Paraíba - profgmls@hotmail.com

Simone Fernandes de Melo

Universidade Estadual da Paraíba - simonefernandes403@gmail.com

RESUMO: Neste estudo, nosso objetivo maior é a discussão acerca das linguagens utilizadas/expressas/comunicadas, por crianças que frequentam instituições de Educação Infantil, em contextos de interações sociais de atenção conjunta, a fim de que possamos identificar as diversas formas de linguagens e as possibilidades interativas/comunicativas através dessas linguagens, mesmo sem o pleno uso da sua língua materna, pois nossos sujeitos investigados, além de professoras, são crianças que se encontram na faixa etária entre 02 a 03 anos de idade. Trata-se de um estudo decorrente de um dos focos investigativos de um Projeto de PIBIC (cota 2016/2017) desenvolvido pela UEPB, de natureza longitudinal, e de caráter qualitativo. Uma instituição pública de Educação Infantil, localizada na cidade de Junco do Seridó – PB, se constituiu do nosso campo de investigação, envolvendo professoras e crianças na faixa etária acima mencionada. A coleta de dados foi feita através de videografações, realizadas a cada 15 dias, por um período de seis meses, de abril a setembro de 2017. As gravações focaram situações de interação social de atenção conjunta, entre professoras e crianças, e entre as próprias crianças, em meio à rotina pedagógica da instituição investigada. Partimos da compreensão de que são múltiplas as linguagens da criança (GANDINI, 1999), e de que o ambiente escolar pode favorecer o uso dessa multiplicidade. Para Pierce (1995), toda e qualquer produção humana caracteriza-se como linguagem, quando impregnada de sentido. O estudo, revelou, dentre outros, que: é possível a identificação de linguagens em interações entre adultos e crianças, e entre as próprias crianças, em contextos de atenção conjunta, nas práticas escolares da creche; que é possível reconhecer significações que crianças atribuem, pelas linguagens, seja em interação com o adulto, com outra criança; que a linguagem oral pode ser impulsionada pelo uso de outras linguagens; que o outro (adulto ou criança) tem um papel importante no estímulo ao uso de linguagens por crianças, desde mais tenra idade. Por fim, corroboramos com estudos que apontam os contextos de interações sociais de atenção conjunta, como constitutivos de linguagens (a exemplo de MELO, 2015), e que impulsionam o uso pelas crianças. Esperamos que este estudo possa contribuir com a formação de professores para essa etapa básica da educação, e para o redimensionamento de práticas pedagógicas instituídas na creche, com vistas a um maior reconhecimento das linguagens das crianças, em ambiente escolar, de modo a possibilitar a ampliação de espaços interativos, em que essas linguagens possam ser usadas e expressas.

Palavras-chave: Linguagens; Criança; Atenção Conjunta; Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem infantil é um processo de construção biológica, cognitiva e social que ocorre através de trocas sociais e culturais com as pessoas e os objetos que fazem parte das vivências cotidianas de bebês e crianças.

A Educação Infantil tem, no nosso entendimento, guardada a responsabilidade de introduzir e explorar diferentes formas de linguagem (GANDINI, 1999) e a complexidade de seus usos, a partir de diferentes gêneros orais e escritos. Desde o período inicial desta etapa da educação, na creche, a criança deve ser oportunizada a expressão e comunicação de suas produções linguísticas, a partir dos primeiros gestos e balbucios. A interação dialógica entre crianças e adultos que deles cuidam e educam, pode se constituir em espaços de consideração, interpretação e desenvolvimento da fala e de outras linguagens, no processo de domínio de sua língua materna. Marcuschi (2003, p.19), considera a fala da criança como uma forma desta se inserir na cultura, desde o momento em que nasce e que as relações dialógicas são estabelecidas a partir do contato com sua mãe.

Numa visão mais ampla, linguagem não se refere apenas à representação da fala e da escrita, mas “toda forma de expressão e de manifestação que atribui sentido” (BRIT, 2000, p. 15), pois, trata-se de uma atividade social e histórica. Para Peirce (1995), toda e qualquer produção humana caracteriza-se como linguagem. Este autor considera que a linguagem é um fenômeno que está no mundo, e por isso o homem nele se encontra. Assim sendo, não só a fala da criança é constitutiva de sentidos, outras formas de linguagem também podem representar compreensões e significações da criança e seus modos de funcionamento e de ação no mundo (HORN, 2007).

Entender como ocorre a aquisição e o desenvolvimento da fala instigou vários estudos sobre o tema e até hoje suscita novos questionamentos e pesquisas. Como ocorre o processo de desenvolvimento linguístico traz uma gama de questionamentos em diversas áreas de pesquisa, entre elas: a linguística, a psicologia, a pedagogia e as ciências sociais, todas buscando respostas e trazendo contribuições teóricas.

O intuito de compreender como ocorre esse desenvolvimento nos espaços e ambientes de Educação Infantil, buscando identificar o papel exercido pelos professores, e pelas próprias crianças, no estímulo ao uso de diferentes linguagens, motivou o presente estudo. Neste sentido, temos o objetivo maior de discutir acerca das linguagens utilizadas/expressas/comunicadas, por crianças que frequentam instituições de Educação Infantil, em contextos de interações sociais de atenção conjunta, a fim de que possamos identificar as diversas formas de linguagens e as

possibilidades interativas/comunicativas através dessas linguagens, mesmo sem o pleno uso da sua língua materna.

Segundo Tomasello (2003, pg. 104), desde muito cedo os bebês humanos se identificam com outros sujeitos e estabelecem trocas comunicativas, porém só a partir de oito a nove meses começam a compreender a si e aos outros como seres intencionais, que são como “eles”, esse momento é o ponto chave para a aquisição e o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico da criança. Compreende-se portanto, a importância e a necessidade das trocas e interações que as crianças desde cedo realizam, e que a Educação Infantil pode ser um espaço rico de estímulos e motivador de aprendizagens. Neste espaço a criança tem a oportunidade de compreender as intencionalidades por trás de cada uso linguístico e entender a necessidade comunicativa da vida social. Por meio deste trabalho pretende-se ressaltar a importância do professor, em instituições que oferecem esta etapa da educação, para a aquisição e desenvolvimento de linguagem pelas crianças.

2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se por uma pesquisa longitudinal, de natureza qualitativa. O lócus da investigação foi uma instituição pública de Educação Infantil, localizada na cidade do Junco do Seridó – PB, envolvendo professoras e crianças que se encontram em processo de aquisição da linguagem falada, na faixa etária entre 02 a 03 anos de idade.

O corpus da investigação foi coletado através de videograções, em câmera filmadora, num período de seis meses, de abril a setembro. Cada gravação foi realizada a cada quinze dias, com duração aproximada de 20 a 30 minutos. Nas gravações, serão privilegiadas situações planejadas por professoras da turma investigada, caracterizadas por interações sociais de atenção conjunta. As transcrições dos vídeos serão feitas após cada gravação. As transcrições foram identificadas por CENAS, onde se informa a data e o tempo de gravação, bem como o turno em que esta ocorreu. Além dessas informações na identificação, é indicado o CONTEXTO, em que as cenas foram observadas. Recortes de transcrições são apresentados no item que segue.

Durante a pesquisa realizou-se um estudo de escopo teórico sobre a temática abordada, a fim de uma maior compreensão e aprofundamento sobre o processo de aquisição e desenvolvimento linguístico na infância e sobre as interações sociais de atenção conjunta. E por fim foram observados e analisados os resultados a luz da literatura estudada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Del Ré, Paula e Mendonça (2014) trazem um conceito interessante sobre a linguagem na infância:

Falar em linguagem da criança é falar, na verdade, de linguagem do ser humano e, conseqüentemente, do adulto que já foi criança; o outro observado e analisado, por assim dizer, é o mesmo; o que é diferente, singular, é a forma como cada um vai se relacionar com a linguagem em diferentes momentos da vida. (DEL RÉ et al 2014, pg.17).

Digamos, então, que a forma de entender e se relacionar com a linguagem não muda ao longo da vida, o que muda é a forma de uso, os discursos. Todo adulto já foi criança e passou pela fase de aquisição e desenvolvimento da linguagem como todas as crianças passam e, ao longo da vida e das interações que foi estabelecendo, ampliam-se o repertório linguístico e novas formas de uso deste repertório são apreendidas.

A linguagem não é algo que simplesmente surge, ela é resultado de significações, construções e simbolismos que se iniciam nos primeiros meses e vão se desenvolvendo conforme a criança interage com outros sujeitos e com o meio que a cerca. Tomasello (2003) defende que:

A linguagem não surgiu do nada (...) tampouco surgiu de alguma mutação genética bizarra sem nenhuma relação com outros aspectos da cognição e vida social humanas. (...) a linguagem natural é uma instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes. (TOMASELLO, 2003, pgs. 131, 132).

Tomasello (2003, págs. 199-200) considera que os bebês humanos nascem biologicamente aptos a adquirir a linguagem natural, ou seja, tem apenas que se utilizar dos aspectos cognitivos, sociocognitivos e fonoauditivos aliados a convivência e trocas culturais para desenvolver a língua. O autor reforça o caráter social da linguagem e sua relação com outros aspectos da vida e cognição humanas, ressaltando que esses fatores são primordiais para o desenvolvimento da linguagem humana. No recorte 1 que segue, é possível observar, no diálogo entre as próprias crianças, o uso de elementos da cultura, como estímulo ao uso da linguagem oral.

Dia 06/04/2017 - Cena 2 - Duração: 00:00:40 - Turno: Manhã

CONTEXTO: Hora do parquinho. As crianças (1; 2; 3; e 4) brincam.

Criança 1: - Olha aqui ó. (Entrega um brinquedo amarelo para a criança 2.)

Criança 2: (Se baixa para encaixar o brinquedo no pneu do velocípede que a criança 1 está. Os dois tentam encaixar o brinquedo no pneu.)

Criança 3: - Ti ni ni ni nim. (Imitando o som de um telefone/celular).
Criança 3: - Oi? Oi mãe. (Coloca o celular no ouvido e atende.)
Criança 4: Ti ni ni ni nim. (Imitando o som de um telefone/celular. Pega o celular da criança 3.)

Esse recorte traz o exemplo de atividade colaborativa, na qual 4 crianças interagem e expressam linguagens. Na interação elas utilizam a linguagem oral e outras formas linguagem, como por exemplo: a representação, gestualidades, o brincar, através do faz de conta. Para que esse processo ocorra efetivamente Tomasello (2009) considera o papel das interações sociais e das atividades colaborativas para mediar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem nas crianças.

É pelo engajamento da criança em atividade colaborativas, a partir desse período, que ocorrerão formas únicas de interação social, aprendizagem cultural, comunicação simbólica e representação cognitiva. É também pelo engajamento colaborativo que as crianças aprendem a internalizar (...) as perspectivas de adultos e a utilizá-las para mediar sua compreensão do mundo e da cultura humana. (TOMASELLO, 2009, pg. 164).

Através dessas experiências as crianças começam a compreender intenções comunicativas diversas, e ao interagirem com os adultos constroem símbolos cognitivos e linguísticos através internalização de perspectivas e das representações culturais adquiridas.

Conforme defendido por Del Ré, Paula e Mendonça (2014), é inegável a contribuição e a importância do inato durante a aquisição linguística, dos aspectos cognitivos e mentais, e do papel das interações, dos reforços e do social para o desenvolvimento da linguagem infantil. As autoras reafirmam a importância do contato social e cultural para as crianças na fase de aquisição e desenvolvimento da língua, lembrando como as interações são cruciais e necessárias para o sucesso da criança nesse momento de seu crescimento.

Állan e Souza (2009, pg. 165) consideram que segundo a proposta de Tomasello a linguagem não é o aspecto crítico da evolução cognitiva humana, mas é o produto da mesma, diante de reflexões chega-se à conclusão de que ao evoluir cognitivamente e socialmente o indivíduo necessita de linguagens para expressar intencionalidades e símbolos comunicativos, e que esse é o produto de sua evolução cognitiva aliada a fatores de ordem social e cultural.

Tomasello (2003, pg.112) ainda afirma que ao entender os outros como seres intencionais as crianças passam a estar prontas para participar do mundo e da aprendizagem cultural. Nesse contexto surge a atenção conjunta, definida por Tomasello (2003): “Cenas de atenção conjunta são interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira

coisa, e à atenção um do outro a terceira coisa, por um período razoável de tempo.” (TOMASELLO, 2003, p. 135).

O autor que é o responsável pela definição “cenas de atenção conjunta” explica como a mesma ocorre. O que chama a atenção da criança, numa “cena”, diz Tomasello, é o fato da criança dividir sua atenção durante a troca estabelecida, o que demonstra que ela já adquiriu a capacidade necessária para vivenciar o fenômeno.

Estudiosos da área consideram a importância das relações entre a atenção conjunta e a cognição social infantil, e o uso e desenvolvimento de várias formas de linguagem pela criança. Para Striano e Reid (2006) citados por Aquino e Salomão (2009):

Estudiosos dessa temática têm verificado uma imbricada relação entre atenção conjunta e cognição social infantil, a qual é investigada a partir de habilidades sociocomunicativas de bebês, desde a mais tenra idade. A cognição social infantil envolve, mais especificamente, a habilidade para compreender outras pessoas, abrangendo o conjunto de capacidades perceptivas que habilita o bebê a discriminar pessoas de objetos. Abrange também o complexo interjogo de pistas sociais, tais como o contato visual, movimentos do corpo, tom de voz e expressões faciais, que auxiliam o bebê na interpretação de comportamentos do outro. (Striano & Reid, 2006, n.p. *apud* Aquino, Salomão, 2009, n.p).

A comunicação das crianças segundo esses autores, exige uma experiência social desde a mais tenra idade, pois a partir dessa experiência irão compreendendo o jogo social e desenvolvendo suas linguagens de acordo com as necessidades comunicativas que surgem.

Állan e Souza (2009) abordam a ideia de que:

A medida que a criança compreende as interações comunicativas do adulto e a intercambialidade dos papéis exercidos dentro dos quadros de atenção conjunta, ela (a criança) passa a compreender que o adulto pode também compreender as suas intenções comunicativas. (ÁLLAN et al, 2009, pg.166).

Nessa citação nota-se que os autores reafirmam a necessidade da criança, ao conviver em cenas de atenção conjunta, compreender as intencionalidades do outro, e a partir desse ponto desenvolver a capacidade de inverter papéis, se colocar no lugar do adulto, ao notar que o mesmo entende suas intenções comunicativas.

Temos um exemplo de atenção conjunta no recorte 2 que segue. Nesta cena ocorre o que Tomasello (2003) denomina de *interação triádica*, entre as crianças e o objeto, no caso o telefone.

Dia 06/04/2017 – CENA 3 - Duração: 00:00:37 - Turno: Manhã

CONTEXTO: Crianças (1 e 2) brincam e dramatizam situação.

Criança 1: (Disca os números no telefone e leva até a criança 2.)

Criança 1: - Atende, atende, atende. (Coloca o telefone no ouvido da criança 2.)

Criança 2: - Oi. Bem. Tá bom. Xero. Beijo. Tchau. (Atendendo o telefone.).

Na cena de atenção conjunta observada, assim como na CENA 2, anteriormente observada, não apenas a linguagem oral é evidenciada. A representação, a brincadeira, os movimentos corporais, também ganham saliência.

As crianças desde os primeiros meses já se comunicam, mas a partir do contato com outras pessoas e objetos elas ampliam suas linguagens e usos sociais e culturais, as cenas de atenção conjunta são essenciais para o desenvolvimento desse processo. Elas irão propiciar a formação da criança como ser social e lhe dará oportunidade de viver atos comunicativos diversos.

Tomasello (2003, p. 132) ressalta um importante ponto sobre as cenas de atenção conjunta, quando afirma que nestas interações sociais a criança é

Capaz de compreender os diferentes papéis que falante e ouvinte estão desempenhando na atividade de atenção conjunta, bem como a intenção comunicativa específica do adulto naquela atividade – e, em seguida, que ela seja capaz de exprimir para outras pessoas a mesma intenção comunicativa que lhe foi previamente expressa.

As crianças ao vivenciarem uma cena de atenção conjunta devem ser capazes de compreender as intencionalidades do outro, os objetivos que existem por trás das ações que veem e interagem, e assim serão capazes de inverter papéis comunicativos. As identificações que a criança tem com os seus co-específicos, deve contribuir para que repitam experiências dessa natureza, e vivam com outras pessoas, reproduzindo linguagens e intencionalidades que absolveram nas trocas interativas em situações sociais.

Bruner (1983, p. 25) afirma que:

A linguagem não se desenvolve à margem do conhecimento prévio fonológico, proto-sintático, proto-semântico ou protopragmático. Ela requer uma sensibilidade a um sistema de sons padronizado, a restrições gramaticais, a requisitos referenciais, a intenções comunicativas, etc. Tal sensibilidade desenvolve-se no processo de execução de certas funções não linguísticas gerais (...) interagir transaccionalmente, atingir objectivos com a ajuda de outros e similares.

Esse autor ressalta a necessidade das trocas com os outros, das interações e do conhecimento prévio das crianças para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil. A partir desse ponto subentende-se que a criança deve ter oportunidades de vivenciar essas interações em diversos espaços e momentos, começando com sua família, amigos e se estendendo a creche/escola, onde terá a oportunidade de conviver com outras crianças e professores, ampliando assim seus conhecimentos e habilidades cognitivas e sociais e posteriormente linguísticas.

Tomasello (2003, págs. 121-122), traz contribuições de estudos sobre a comunicação gestual, e afirma que, entre onze e doze meses as crianças começam a utilizar gestos triádicos (compartilham suas percepções e ações com outras pessoas intencionalmente) como o gesto de apontar para mostrar algo, ou pedir algo que está fora de seu alcance.

No livro *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento* de Tomasello (2003), ele afirma que: “(...) a hipótese é que, pouco antes de seu primeiro aniversário, os bebês humanos começam a aprender por imitação a apontar para os outros em direção a algo (...)” (TOMASELLO, 2003, pg.124).

O autor aborda o surgimento do ato de apontar com intencionalidade por volta do primeiro ano da criança, quando ela já percebeu os outros como seres intencionais iguais a ela e entende a necessidade de se comunicar para atingir seus objetivos, e ao observar o adulto apontando para algo em relação a ela, afim de chamar sua atenção, ela entende sua intencionalidade comunicativa e passa a imitá-la.

O recorte 3 seguinte traz um exemplo dessa manifestação comunicativa, na qual a criança se utiliza do gesto de apontar para complementar sua fala.

Dia 04/04/2017 - Cena 1 - Duração: 00:00:18 - Turno: Manhã

CONTEXTO: Hora do parquinho. Crianças brincando (criança 1) na presença das Professoras (1 e 2).

Criança 1: (Se aproxima da professora 2) - Ela tá jogando, ela tá jogando coisi in eu. (Aponta para uma outra criança que está fora da cena).

Professora 2: Pode jogar as bolas pra fora não viu? (Para a criança fora da cena.)

Criança 1: - Ela tá jogando...

Professora 2: - Pera aí...

Cavalcante (2010, p. 11), traz contribuições importantes sobre as multimodalidades da linguagem infantil, focando no gesto de apontar. Ela afirma que:

A emergência de gestos protodeclarativos e proto-imperativos é notada quando a criança (...) começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo. Assim ela percebe a necessidade do uso de instrumentos externos para que possa alcançar seus objetivos.

Observando esse trecho nota-se que a autora traz uma breve reflexão sobre a natureza e a função do gesto de apontar, ela traz à tona a ideia de que a criança ao utilizá-lo tem consciência do outro e de que para alcançar objetivos deve interagir com o mesmo, inicialmente, através de gestos e instrumentos externos, afim de alcançar seus objetivos, e com o passar do tempo desenvolvendo a linguagem oral.

Cavalcante (2012, p. 11), ainda confirma a importância dos gestos na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral da criança:

Com relação aos períodos pré-linguístico e linguístico, Bruner defende a hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, afirmando que os comportamentos sociais do bebê são precursores da linguagem verbal. Segundo o autor, a criança, antes de ter a competência de enunciar uma sentença, necessitaria incorporar um conhecimento implícito construído no nível do 'comportamento ostensivo', não-linguístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. Assim, os comportamentos sociais do bebê seriam precursores do aparecimento da linguagem.

Entende-se que os gestos seriam partes integrantes da construção da linguagem oral infantil, seriam significações que a criança utilizaria para transmitir enunciados linguísticos, mensagens de não-verbais aos sujeitos com os quais interage.

Partindo dessas considerações existem três pontos principais para que a criança desenvolva sua linguagem, o primeiro seria que ela vivencie cenas de atenção conjunta, o segundo é que a mesma compreenda as intencionalidades e simbolismos presentes no outros sujeitos e o terceiro seria a capacidade que ela desenvolve de inverter papéis, se colocando no lugar do outro e imitando o que observa.

Como afirma Tomasello (2003, p. 163):

Para adquirir o uso convencional de um símbolo linguístico, a criança tem de ser capaz de determinar as intenções comunicativas do adulto (...), e então envolver-se num processo de imitação com inversão de papéis no qual usa o novo símbolo em relação ao adulto em relação a ela.

Esses seriam, segundo Tomasello, os princípios do desenvolvimento linguístico ancorados na vivência social e cultural da criança, ao trocar simbolismos com o adulto durante os atos

comunicativos nas cenas de atenção conjunta ela amplia seus conhecimentos cognitivos e consequentemente linguísticos.

Tomasello (2003, pg. 184) ressalta que as crianças aprendem uma língua desenvolvendo-se cognitivamente através das cenas de atenção conjunta, sendo essa situação de interação e trocas culturais exclusivas da espécie humana.

Souza et al (2014) defende que:

Entre a forma como pensamos e os discursos que produzimos, há um largo espectro de influência dialética. E essa influência se dá por uma dinâmica e inextricável relação entre as estruturas universais da cognição, assentes numa base neurobiológica comum, e a cultura que orienta, modela e edita essas estruturas. (SOUZA et al, 2014, pg.12).

Os autores reafirmam que a cultura orienta, modela e constrói a cognição e os discursos que produzimos, sejam estes linguísticos ou não, partindo do biológico para as interações que desde criança estabelecemos, nota-se que partindo desse pensamento temos as confirmações do papel da cultura e do social na linguagem e na cognição humanas, e não podemos deixar de lado as cenas de atenção conjunta e a riqueza de seus contextos, quando elas abordam a capacidade das crianças compreenderem intencionalidades comuns a ela e aos sujeitos e a partir desses pontos desenvolve a linguagem através das trocas que estabelece.

Tomasello (2003, p. 230) evidência que: “Se as crianças não recebessem instrução dos adultos por meio da linguagem, de imagens e de outro meios simbólicos, saberiam o mesmo sobre dinossauros que Platão e Aristóteles, ou seja, nada.” Ele ainda ressalta a necessidade humana de estabelecer relações culturais para o repasse da cultura e a linguagem, lembrando os meios que se utilizam para a efetivação do processo de desenvolvimento linguístico.

CONCLUSÕES

Os estudos e contribuições dos autores sobre a atenção conjunta apenas corroboram para que compreendamos sua importância no desenvolvimento cognitivo, social, cultural e linguístico das crianças, através das trocas vivenciadas com o outro e suas intencionalidades. Muitos outros conceitos podem ser extraídos das obras citadas, as mesmas são riquíssimas e neste trabalho traz-se uma breve reflexão e fundamentação teórica sobre o tema, muito ainda precisa ser explorado.

Diante dos dados obtidos, os espaços de Educação Infantil propiciaram interações importantes para as crianças, ao conviverem com as diferentes linguagens expressas por professores

e as outras crianças tiveram grandes contribuições para seu processo de desenvolvimento linguístico. Sugere-se um estudo mais extenso e profundo sobre a temática, visto que é um campo muito ainda pouco explorado e denso, certamente pesquisas e estudos trarão grandes teorizações para o meio acadêmico.

REFERÊNCIAS:

ÁLLAN, Sylvio, SOUZA, Carlos Barbosa Alves de. **O Modelo de Tomasello sobre a Evolução Cognitivo-Linguística Humana**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2009, Vol. 25 n. 2, pp. 161-168

AQUINO, Fabíola de Souza Braz; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. **Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil**. Psicol. estud. Vol.14 no.2 Maringá Abril/Junho 2009

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200003 Acesso em 18 de fevereiro de 2017 às 16:26 hs.

BRUNER, Jerome. **Como as crianças aprendem a falar**. INSITITUTO PIAGET. Lisboa. 1983.

CAVALCANTE, M.C. B. **Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal**. Rev. de Letras - NO. 31 - Vol. (1/2) jan./dez. - 2012

Disponível em: http://www.revistadeletras.ufc.br/revista30_arquivos/03_Artigo%201_Rev_Letras_31_1_2_20123.pdf

Acesso em 19 de fevereiro de 2017 às 15:05 hs.

CAVALCANTE, Sandra. ABRANTES, Ana Margarida. SOUZA, André Luiz. **Linguagem, discurso e cognição: desafios e perspectivas**. 11 SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 11-20, 2º sem. 2014.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra (Organizadora). **Multimodalidade em aquisição de linguagem**. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2010.

DEL RÉ, Alessandra, HILÁRIO, Rosângela Nogarini, VIEIRA, Alessandra Jacqueline. **Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente / Subjectivity, individuality and singularity in children: a socially constituted subject**. Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): 57-74, Jul./Dez. 2012.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/05.pdf> Acesso em 18 de fevereiro de 2017 às 17:05 hs.

FINGER, Denise, QUADRO, Ronice Muller. **TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**. Ed. da UFSC, 2008.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza. **Cenas de atenção conjunta entre professoras e crianças em processo de aquisição da linguagem**. 2015, 276 p. Tese (Doutorado em Linguística).

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**/ Michael Tomasello; tradução Cláudia Berliner. – São Paulo : Martins Fontes, 2003. – (Coleção Tópicos)